

Carta do Papa Bento XVI  
ao P. Peter-Hans Kolvenbach, Preósito Geral da Companhia de Jesus,  
por ocasião do quinquagésimo aniversário da encíclica «Haurietis aquas»,  
com a qual se promovia o culto ao Coração de Jesus.

Ao reverendíssimo padre  
Peter-Hans Kolvenbach, S.J.

As palavras do profeta Isaías, «tirareis água com alegria das fontes da salvação» (Isaías 12, 3), que dão início à encíclica com a qual Pio XII recordava o primeiro centenário da extensão a toda a Igreja da festa do Sagrado Coração de Jesus, não perderam nada de seu significado hoje, cinquenta anos depois. Ao promover o culto ao Coração de Jesus, a encíclica «Haurietis aquas» exortava os crentes a abrir-se ao mistério de Deus e de seu amor, deixando-se transformar por ele. Cinquenta anos depois, continua em pé a tarefa sempre atual dos cristãos de continuar se aprofundando em sua relação com o Coração de Jesus para reavivar em si mesmos a fé no amor salvífico de Deus, acolhendo-o cada vez melhor em sua própria vida.

O lado transpassado do Redentor é o manancial ao qual nos convida a acudir a encíclica «Haurietis aquas»: devemos recorrer a este manancial para alcançar o verdadeiro conhecimento de Jesus Cristo e experimentar mais profundamente seu amor. Deste modo, poderemos compreender melhor o que significa ‘conhecer’ em Jesus Cristo o amor de Deus, experimentá-lo, mantendo o olhar nEle, até viver completamente da experiência de seu amor, para poder testemunhá-lo depois aos outros. De fato, retomando uma expressão de meu venerado predecessor, João Paulo II, «junto ao Coração de Cristo, o coração humano aprende a conhecer o autêntico e único sentido da vida e de seu próprio destino, a compreender o valor de uma vida autenticamente cristã, a permanecer afastado de certas perversões do coração, a unir o amor filial a Deus ao amor ao próximo. Deste modo – e esta é a verdadeira reparação exigida pelo Coração do Salvador – sobre as ruínas acumuladas pelo ódio e a violência poderá edificar-se a civilização do Coração de Cristo» (Insegnamenti, vol. IX/2, 1986, p. 843).

*Conhecer o amor de Deus em Jesus Cristo*

Na encíclica «Deus é amor» citei a afirmação da primeira carta de São João: «Nós conhecemos o amor que Deus nos tem e cremos nele» para sublinhar que na origem da vida cristã está o encontro com uma Pessoa (cf. n. 1). Dado que Deus se manifestou da maneira mais profunda através da encarnação de seu Filho, fazendo-se «visível» nEle; na relação com Cristo, podemos reconhecer quem é verdadeiramente Deus (cf. Encíclica «Haurietis aquas», 29,41; Encíclica «Deus é Amor», 12-15). Mais ainda, dado que o amor de Deus encontrou sua expressão mais profunda na entrega que Cristo fez de sua vida por nós na Cruz, ao contemplar seu sofrimento e morte podemos reconhecer de maneira cada vez mais clara o amor sem limites de Deus por nós: «tanto amou Deus ao mundo, que lhe deu seu Filho único, para que todo o que crer nele não pereça, mas que tenha vida eterna» (João 3, 16).

Por outro lado, esse mistério do amor de Deus por nós não constitui só o conteúdo do culto e da devoção ao Coração de Jesus: é, ao mesmo tempo, o conteúdo de toda verdadeira espiritualidade e devoção cristã. Portanto, é importante sublinhar que o fundamento dessa devoção é tão antigo como o próprio cristianismo. De fato, só se pode ser cristão dirigindo o olhar à Cruz de nosso Redentor, «a quem transpassaram» (João 19, 37; cf. Zacarias 12, 10). A encíclica «Haurietis aquas» lembra que a ferida do lado e as dos pregos foram para numeráveis almas os sinais de um amor que transformou cada vez mais incisivamente sua vida (cf. número 52). Reconhecer o amor de Deus no Crucificado se converteu para elas em uma experiência interior que as levou a confessar, junto a Tomé: «Meu Senhor e meu Deus!»

(João 20, 28), permitindo-lhes alcançar uma fé mais profunda na acolhida sem reservas do amor de Deus (cf. encíclica «Haurietis aquas», 49).

#### *Experimentar o amor de Deus dirigindo o olhar ao Coração de Jesus Cristo*

O significado mais profundo desse culto ao amor de Deus só se manifesta quando se considera mais atentamente sua contribuição não só ao conhecimento, mas também, e sobretudo, à experiência pessoal desse amor na entrega confiada a seu serviço (cf. Encíclica «Haurietis aquas», 62). Obviamente, experiência e conhecimento não podem separar-se: um faz referência ao outro. Também é necessário sublinhar que um autêntico conhecimento do amor de Deus só é possível no contexto de uma atitude de oração humilde e de disponibilidade generosa. Partindo dessa atitude interior, o olhar posto no lado transpassado da lança se transforma em silenciosa adoração. O olhar no lado transpassado do Senhor, do qual saem «sangue e água» (cf. Gv 19, 34), nos ajuda a reconhecer a multidão de dons de graça que daí procedem (cf. encíclica «Haurietis aquas», 34-41) e nos abre a todas as demais formas de devoção cristã que estão compreendidas no culto ao Coração de Jesus.

A fé, compreendida como fruto do amor de Deus experimentado, é uma graça, um dom de Deus. Mas o homem poderá experimentar a fé como uma graça só na medida em que ele a aceita dentro de si como um dom, e procura vivê-lo. O culto do amor de Deus, ao que convidava aos fiéis a encíclica «Haurietis aquas» (cf. *ibidem*, 72), deve nos ajudar a recordar incessantemente que Ele carregou com este sofrimento voluntariamente «por nós», «por mim». Quando praticamos este culto, não só reconhecemos com gratidão o amor de Deus, mas continuamos nos abrindo a esse amor, de maneira que a nossa vida vai ficando cada vez mais modelada por ele. Deus, que derramou seu amor «em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado» (cf. Romanos 5,5), nos convida incansavelmente a acolher seu amor. O convite a entregar-se totalmente ao amor salvífico de Cristo (cf. *ibidem*, n. 4) tem como primeiro objetivo a relação com Deus. Por esse motivo, esse culto totalmente orientado ao amor de Deus que se sacrifica por nós tem uma importância insubstituível para nossa fé e para nossa vida no amor.

#### *Viver e testemunhar o amor experimentado*

Quem aceita o amor de Deus interiormente fica plasmado por ele. O amor de Deus experimentado é vivido pelo homem como um «chamado» ao que tem que responder. O olhar dirigido ao Senhor, que «tomou nossas fraquezas e carregou nossas enfermidades» (Mateus 8, 17), nos ajuda a prestar mais atenção no sofrimento e na necessidade dos demais. A contemplação, na adoração, do lado transpassado da lança nos sensibiliza frente à vontade salvífica de Deus. Torna-nos capazes de confiar em seu amor salvífico e misericordioso e, ao mesmo tempo, nos reforça no desejo de participar em sua obra de salvação, convertendo-nos em seus instrumentos. Os dons recebidos do lado aberto, do qual saíram «sangue e água» (cf. João 19, 34), fazem que nossa vida se converta também para os outros em manancial do qual emanam «rios de água viva» (João 7, 34 - cf. Encíclica «Deus é amor», 7). A experiência do amor surgida do culto do lado transpassado do Redentor nos tutela ante o risco de nos prendermos em nós mesmos e nos faz mais disponíveis para uma vida para os outros. «Nisto conhecemos o que é o amor: em que ele deu sua vida por nós. Também nós devemos dar a vida pelos irmãos» (I João 3, 16 - cf. Encíclica «Haurietis aquas», 38).

A resposta ao mandamento do amor se faz possível só com a experiência de que este amor já nos foi dado antes por Deus (cf. Encíclica «Deus é Amor», 14). O culto do amor que se faz visível no mistério da Cruz, representado em toda celebração eucarística, constitui, portanto, o fundamento para que possamos converter-nos em instrumentos nas mãos de Cristo: só assim podemos ser arautos críveis de seu amor. Esta abertura à vontade de Deus, contudo, deve renovar-se em todo momento: «O amor nunca se dá por “concluído” e completado» (cf. Encíclica «Deus é amor», 17). A contemplação do «lado transpassado pela

lança», na qual resplandece a vontade infinita de salvação por parte de Deus, não pode ser considerada portanto como uma forma passageira de culto ou de devoção: a adoração do amor de Deus, que encontrou no símbolo do «coração transpassado» sua expressão histórico-devocional, continua sendo imprescindível para uma relação viva com Deus (cf. Encíclica «Haurietis aquas», 62).

Com o desejo de que o quinquagésimo aniversário sirva para estimular em tantos corações uma resposta cada vez mais fervorosa ao amor do Coração de Cristo, envio-lhe, reverendíssimo padre, e a todos os religiosos da Companhia de Jesus, sempre sumamente ativos na promoção dessa devoção fundamental, uma especial bênção apostólica.

Vaticano, 15 de maio de 2006  
BENEDICTUS PP. XVI